

SER-NO-MUNDO APÓS A CEGUEIRA ADQUIRIDA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Fernanda Déo da Silva Mazzer (Programa PIC-UEM, Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, UEM, Maringá-PR, Brasil); Géssica Aparecida Giopato (Programa PIC-UEM, Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, UEM, Maringá-PR, Brasil); Lucia Cecília da Silva (Departamento de Psicologia, UEM, Maringá-PR, Brasil).

contato: fernanda_mazzer@hotmail.com

A deficiência visual é caracterizada, do ponto de vista médico-científico, como um comprometimento funcional do sistema óptico, que abrange desde o órgão da visão até as estruturas cerebrais. Através dos parâmetros de acuidade visual e campo visual, conceitua-se o quadro de cegueira parcial ou total do indivíduo, acometido pela ocorrência de acidente ou doença no decorrer da vida. Neste trabalho considera-se ainda que a definição (de qualquer deficiência) é um constructo histórico, haja vista que o contexto – meio social e cultural – influencia no modo de compreender essa condição. Diante disso e da compreensão do fenomenólogo Merleau-Ponty segundo a qual a consciência é corporal, este estudo teve por objetivo compreender como se dá o ser-no-mundo após a cegueira adquirida, tendo em vista que com a perda de um dos sentidos, altera-se a percepção que se tem do mundo o que implicaria em redefinições no projeto existencial, a partir de novas vivências. A metodologia adotada foi de cunho qualitativo, tendo como referencial a fenomenologia merleau-pontiana, especialmente seu entendimento referente à percepção, que está atrelada a experiência corporal, bem como o conceito de ser-no-mundo de Heidegger. Foram realizadas entrevistas com quatro pessoas que adquiriram a deficiência visual e que são participantes da Associação dos Mestres e Amigos dos Deficientes Visuais (AMAADEVI). Os dados coletados foram categorizados em unidades temáticas identificadas e correlacionadas conforme o aporte teórico elencado. Foram percebidos no discurso dos colaboradores aspectos referentes à: reações pessoais e da família frente a perda da visão; dificuldades encontradas; aspectos positivos e o modo como lidam com algumas denominações. Por meio dos resultados alcançados, entendeu-se que mesmo com a existência de convergências nas vivências dos participantes, cada um, de acordo com seu contexto, história e significação que atribui a sua experiência, demonstrou uma vivência singular acerca do tornar-se cego. De modo geral, pode-se evidenciar que a deficiência visual não significa, para o cego, um novo modo de perceber a vida, fazendo-se necessário que o corpo apreendesse um “novo olhar” diante desta situação, resultando em um modo diferente de estar-no-mundo, já que o corpo careceu adaptar-se. Foi notória, também, a falta de incentivo e da oferta de atividades voltadas às pessoas com deficiência visual, ou seja, de espaços que promovam alternativas de lazer, entretenimento, esporte, socialização e trabalho para as mesmas, a fim de contribuir para uma existência mais abrangente de possibilidades. Há a necessidade de um suporte, não só para o indivíduo que adquire a cegueira, mas também para a família e àqueles que o envolve, já que existe dificuldades de fornecer apoio e incentivo, tão importantes para a retomada de uma existência ativa e a (re)construção de um projeto existencial.

Palavras-chave: Fenomenologia. Deficiência visual. Percepção.